

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
RANDAL PINHEIRO SOUZA

CADERNETA DO SOCIOLINGUISTA

São Paulo
2017

Considerações Iniciais

A língua está em constante mudança. Essa constatação, a essa altura, certamente soa clichê, mas acredito não existir afirmação melhor para iniciar uma apresentação focada em sociolinguística. Como bem definido em “A Língua que Falamos”, uma língua viva é representada por mudança constante, dinamismo e inovação; uma língua que não se modifica está fadada ao ostracismo. Ao longo do curso, fomos expostos as inúmeras formas de variação o qual uma língua pode se sofrer: O foco desse trabalho será a variação diatópica, ou seja, a diferença que a língua apresenta de uma região para a outra.

Por seu histórico de emigrações e imigrações ao longo do tempo, São Paulo talvez seja uma das melhores localidades no Brasil para observarmos esse tipo de mudança. O encontro de vários grupos linguísticos em uma só cidade, cada um conservando suas próprias particularidades, somando-se as próprias características do falar paulistano fazem com que tenhamos contato com formas de falar do Brasil inteiro em um espaço relativamente pequeno.

O foco dessa pesquisa, entretanto, será mais reduzido. Os alvos da observação foram duas pessoas que desenvolveram a fala no município de Cedro, no interior do Ceará, e que mudaram-se para São Paulo ainda jovens, e dois de seus filhos, nascidos e criados em na capital Paulista. Para isso, os quatro foram gravados em uma conversa cotidiana, de duração de aproximadamente vinte minutos. Durante a maior parte do tempo, para preservar a naturalidade do diálogo, os falantes não sabiam que estavam sendo gravados. Os trechos mais interessantes foram selecionados e transcritos a seguir.

Por fim, apenas complemento, foi utilizado como base de apoio o podcast “Azilacast”, do site Azilator. Os participantes do podcast são todos homens na faixa dos vinte anos e moradores de Fortaleza. Ou seja, falantes que conservam muitas das expressões utilizadas pelo grupo cearense sem o “contágio” das expressões paulistanas.

Observações sobre Variação

As pessoas gravadas foram:

Pessoa 1: Mulher, 53 anos. Costureira, com ensino médio concluído. Nascida no Ceará, mudou-se para São Paulo aos 11 anos.

Pessoa 2: Homem, 26 anos. Projetista de instalações elétricas e estudante de Letras. Nascido e criado em São Paulo

Pessoa 3: Homem, 19 anos. Estudante de Ciências Biológicas. Nascido e criado em São Paulo.

Pessoa 4: Homem, 62 anos. Padeiro aposentado, ensino fundamental concluído. Nascido no Ceará, mudou-se para São Paulo aos 17 anos.

A seguir, os trechos mais expressivos da conversa, seguidos de um comentário sobre a variação.

Nota: A observação foi focada na variação fonética. Aspectos morfossintáticos, embora visíveis, foram propositadamente ignorados nos comentários.

Trecho 1:

Pessoa 1: Mas é engraçado... Tem coisa que ele fala que eu já esqueci. Num é que é mentira, é que, também...

Pessoa 2: Faz quantos anos que você mora em São Paulo mesmo?

Pessoa 1: Quarenta e sei lá quantos... Eu vim pra cá eu tinha onze, eu tô cum cinquenta em treis, quer dizer, eu sou mair daqui do que di lá.

Pessoa 2: Muito me admira que você ainda fale alguma das éguaça que aquele povo fala!

Pessoa 1: Mas eu goshto!

Comentário: No aspecto linguístico, chama a atenção o /s/ fricativo palatal (que poderá ser observado à exaustão nos trechos a seguir, por se tratar de um traço marcante da fala desse indivíduo), além de variações comuns, como o fechamento do o para /u/ (na troca de com para cum) e a ditongação do /i/ (três que vira treis). A parte curiosa aqui é observar a própria consciência linguística do falante, que, mesmo passando 80% da vida em outra região, ainda conserva muitas das particularidades do dialeto com o qual foi alfabetizado por opção.

Trecho 2

Pessoa 2: O tal do trem é inacreditável, o tanto qui mineiro fala trem. Eu vô pegar aquele trem pa ir naquele trem, tem um trem pa fazer lá!

Pessoa 3: Engraçado é que eles entende os trem tudo!

Pessoa 1: Mas também, de mineiro, é que eles comem as letra, eles mish... Assim, imenda uma palavra ca outra, e tira umas letra!

Comentário: Além dos maneirismos já citados (palatalização do /s/ e fechamento do /o/), podemos observar um outro aspecto comum da fala brasileira, erroneamente atribuído aos mineiros: a cacofonia, a junção de dois ou mais vocábulos cujo som terminal e inicial se aglutinam. Nesse caso, o “com a outra”, onde o m, entre duas vogais, acaba caindo, dando origem a algo como “coa outra”. Nesse caso, o primeiro /o/, perdido em um longo tritongo, acaba sendo assimilado na velocidade da fala, resultando na expressão bastante comum “ca outra”. Esse /ca/ é bastante comum na língua falada, principalmente quando é seguido por palavras iniciadas em vogal.

Trecho 3:

Pessoa 1: Tem algumas coisas que eu conservo porque eu goshto, acho bonito...

Pessoa 3: Você goishtcha?

Pessoa 1: Goshto... Mas o goshto do cearense é bem diferente do goishto do carioca! Eles coloca um “i” em tudo!

Comentário: Trecho selecionado pela enfoque na já citada pela palatalização do /s/. Também denota a preferência pela escolha da falante: ela, muitas vezes, tem consciência do som que produz, e opta pela variante x ou y, de acordo com a situação.

Trecho 4:

Pessoa 1: Menino réio conversando em grego!!! Taí uma linguinha que eu nunca vou aprender direito!

Pessoa 3: Português?

Pessoa 1: É, é muito chato! Para com isso! Qui matéria chata!

Pessoa 3: É mesmo. Por isso que eu sou de exatas.

Pessoa 1: Eu goshtava muito de hishtória... Geografia! “Os rios/Brasileiros/Se agrupam em oito bacias!”. Cês sabe dessa hishtória, né?

Comentário: Além do trecho gravado na conversa, gostaria de complementar esse tópico específico com uma transcrição de um episódio do Azilacast (episódio 181, a partir do minuto 39:37), onde um dos participantes afirma:

Participante 1: Lai vai, revestiu a poltrona réia de corino! Ai o cara sentava, ficava aquele quenteção ali, ainda mais em época quente, que aí é que ficava quente mermo, derretendo o plástico das coshta do cara!

Participante 2: Sabe aquela parada né, o cara sentarra trinta minutos aí ia querer se lerranta e tarra e grudado na cadeira!

Nesse caso, vale chamar a atenção para o rotacismo, presente na fala da pessoa 1, mas que é muito mais vista na conversa entre os falantes cearenses, que sofreram menos influência do dialeto do sudeste do país. A troca do /v/ pelo /r/ é algo muito comum na fala dos cearenses (nesse caso, os três cearenses observados conservam tal característica, enquanto tal trejeito é relativamente incomum na fala dos paulistanos)

Trecho 5:

Pessoa 4: Quando ela vê uma coisa errada, que se ouve: "ô sirvicim de cabra safado!"... Deixa aí que eu lavo, Maria!

Pessoa 3: Vai fazê sirvicim de cabra safado...

Pessoa 2: Pobe do véio!

Pessoa 1: Mas... i esse trabaio, cê vai fazer pesquisa?

Pessoa 2: Opa, já tô fazendo!!!

Comentário: Por fim, um trecho curioso, onde todos os participantes já estavam soltos durante a conversação. O conforto da situação fez com que a fala chegasse ao seu ponto mais natural, de modo que os /lh/ acabam sendo substituídos por /i/, como em velho – véio, trabalho – trabaio. Além disso, temos a expressão sirvicim, uma pronuncia de servicinho. O /o/, sonoramente distante da sílaba tônica, acaba sendo apocopado, resultando em algo como /servicim/. Por uma questão sonora, o /e/ inicial acaba fechando-se e se assemelhando ao /i/ tônico, com o resultado final sendo /sirvicim/.

Considerações Finais

Sendo assim, com base nos trechos selecionados durante a conversação, e principalmente levando em consideração o trecho do podcast, fica evidente o quão grande pode ser a variação diatópica por si só. Claro, o histórico de cada região impacta na forma como os falantes dali se comportam, o que torna impossível desconsiderar variações diafásicas e diastráticas na formação do dialeto regional, mas, ainda assim, é curioso o quão grandes algumas dessas diferenças podem ser.

Além disso, também chama a atenção o quão importante a formação linguística é na forma como a pessoa fala. Mesmo tendo passado 4/5 de suas vidas em uma região diferente de onde nasceram e com pouquíssimo contato com falantes que compartilhavam sua variante dialetal, os falantes observados ainda conservam muitas de suas características. Claro que, com um grupo de observação tão reduzido, é impossível chegar a qualquer conclusão satisfatória, mas, ainda assim, é um ponto digno de nota.

Por fim, é importante apontar como a competência linguística de cada um se manifesta também através da variação. Quanto mais à vontade com a conversa os falantes se sentiram, mais suas particularidades dialetais foram surgindo. Como citado no início, a conversa utilizada teve cerca de vinte minutos de duração; porém, os trechos coletados só foram aparecer a partir do minuto cinco, quando os falantes já estavam mais confortáveis. Além disso, o trecho 5, onde as variações são mais evidentes, foi registrado no minuto dezesseis, em uma parte já avançada do diálogo. Novamente, uma amostragem tão reduzida impede qualquer conclusão definitiva, mas o resultado inicial aponta para que os falantes, uma vez confortáveis, tendem a relaxar e usar expressões com a qual já estão mais familiarizados.

Bibliografia:

LEITE, Marli Quadros. *A Língua que Falamos*. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=42558>

LEITE, Marli Quadros. *Culto vs Popular: Interpretações*. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/course/view.php?id=42558>

Fontes:

Azilacast: Episódio 181. Disponível em <http://azilator.com.br/azilacast/azilacast-181-coisas-que-demoram-a-acabar-e-coisas-que-acabam-em-1-segundo/>